

FEDF precisa de mais 6,8 bilhões

É de Cz\$ 6,8 bilhões a proposta orçamentária da Fundação Educacional (FEDF) para o próximo ano. Ao apresentá-la, o diretor-executivo José Silva Quintas ressaltou que este valor poderá ser acrescido de outros Cz\$ 1,7 bilhão solicitado suplementarmente neste exercício, mas ainda não liberado. Segundo ele, estes números demonstram que a "precariedade do ensino público não é uma coisa inerente à escola oficial, mas sim consequência da falta de recursos financeiros que possibilitem investimentos".

Ciente das deficiências estruturais da rede oficial de ensino, Quintas considera que o "momento exige a união de todos em torno do ensino público, para que a Constituinte não ceda às pressões dos proprietários das escolas particulares. "Com 350 mil alunos e 15 mil professores, a rede oficial, segundo ele, absorve 90 por cento dos estudantes de Brasília.

A precariedade das salas de aula e o déficit do número de funcionários, segundo suas projeções, poderão causar um colapso nesta estrutura, "caso não obtenhamos os recursos financeiros necessários. Quando falo em recuperação, estou me referindo a um trabalho que também precisa sanar as deficiências acumuladas nos últimos 20 anos, já que o Governo militar pouco investiu na educação. Além disso, temos que trabalhar pensando no crescimento constante da cidade".

Em termos numéricos, a precariedade se expressa na necessidade de imediata de se construir 150 novas salas de aula e recuperar outras 248. No ano passado, seja por construção, ampliação ou reforma geral, a Fundação colocou na rede um total de 413 salas. Mas somente com a realização das obras previstas para este ano é que se poderia eliminar o terceiro turno em toda a rede. "Isto se conseguirmos os recursos propostos para o próximo ano, quando trabalharemos em cima do crescimento normal de Brasília", lembrou.

Caso sejam liberados os Cz\$ 6,8 bilhões, dois terços da verba serão usados na construção de um total aproximado de 400 salas, considerando as que substituirão as chamadas escolas de lata, construídas em estruturas

metálicas semelhantes aos containers de navios durante a gestão da secretaria Eurides Brito. Espalhadas pela Zona Rural e em núcleos urbanos como a Vila Paranoá, estas escolas, segundo Quintas, são verdadeiras latas de sardinha: "Quando tem sol o calor é insuportável; quando chove o barulho impede que a professora dê aula".

Quintas reconhece também que o déficit funcional é muito grande. "Este ano, por exemplo, precisaríamos de um mil 898 novos auxiliares administrativos. Só que até agora não contratamos nenhum". No total, a Fundação prevê a contratação de mais de 4 mil auxiliares nos próximos dois anos, metade que dificilmente será cumprida, face à defasagem que fatalmente ocorrerá neste período. A falta destes funcionários provoca a aparente impressão de abandono de muitas escolas, já que faltam porteiros, vigias, faxineiras e merendeiras, entre outras funções.

Para o diretor da FEDF, o que importa "é apagarmos a imagem de que a escola pública é ruim porque nasceu assim pura e simplesmente". Neste sentido, ele lembrou que este ano a Fundação investiu na valorização de seus profissionais: "A nossa folha de pagamentos, pelo Plano de Cargos e Salários, subiu 32 por cento. Neste mês ela foi de Cz\$ 418 milhões. Além disso, investimos na reformulação pedagógica, que está expressa no Plano Quadrienal de Educação concluído recentemente".

PARALISAÇÃO

"Os Agentes Administrativos, porteiros, vigias e merendeiras da Fundação Educacional poderão optar por uma paralisação de seus serviços caso o GDF não cumpra o acordo celebrado com a categoria em maio último". O alerta é do Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar e foi feito pelo sindicalista Henrique Paulo de Oliveira.

"No momento estamos promovendo uma campanha de conscientização, tanto dos servidores quanto de toda a população do DF, para a necessidade de contratação de aproximadamente 2 mil e 500 novos funcionários", disse Henrique.